



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO
A AJÁCIO
POR OCASIÃO DO CONGRESSO
“LA RELIGIOSITÉ POPULAIRE EN MÉDITERRANÉE”

SANTA MISSA

HOMILIA DO PAPA FRANCISCO

*Praça de Austerlitz (“U Casone”)
Domingo, 15 de dezembro de 2024*

[Multimídia]

As pessoas perguntam a João Batista: «Que devemos, então, fazer?» (Lc 3, 10). É uma pergunta que deve ser escutada com atenção, porque exprime o desejo de renovar a vida, de a mudar para melhor. João está a anunciar a chegada do Messias há muito esperado: quem ouve a pregação do Batista quer preparar-se para esse encontro, para o encontro com o Messias, para o encontro com Jesus.

O Evangelho segundo Lucas testemunha que são precisamente os mais distantes que exprimem este desejo de conversão: não aqueles que socialmente pareciam ser mais próximos, não os fariseus e os doutores da lei, mas os distantes, os publicanos, que eram considerados pecadores, e os soldados que perguntam: «Mestre, que havemos de fazer?» (Lc 3, 12). Esta é uma boa pergunta, que talvez hoje, antes de ir dormir, cada um de nós pode pronunciar como oração: “Senhor, que hei de fazer para preparar o coração em vista do Natal?”. Quem se considera justo não se renova. Mas, aqueles que eram considerados pecadores públicos querem passar de uma conduta desonesta e violenta para uma vida nova. E quem está longe torna-se próximo quando Cristo se faz próximo de nós. Com efeito, João responde aos publicanos e aos soldados deste modo: praticai a justiça, sede retos e honestos (cf. Lc 3, 13-14). Implicando especialmente os

últimos e os excluídos, o anúncio do Senhor desperta as consciências, porque Ele vem para salvar e não para condenar quem está perdido (cf. *Lc 15, 4-32*). E o melhor que podemos fazer para sermos salvos e procurados por Jesus é dizer a verdade sobre nós próprios: “Senhor, sou pecador”. Todos nós que aqui estamos o somos. “Senhor, sou um pecador”. E, assim, nos aproximamos de Jesus com a verdade, não com a *maquillage* de uma justiça falsa. Porque ele vem precisamente salvar os pecadores.

E por isso, também hoje fazemos nossa a pergunta que as multidões colocaram a João Batista. Neste tempo de Advento, tenhamos a coragem de perguntar, sem medo: “que devo fazer?” “que devemos fazer?”. Perguntemo-nos com sinceridade, para preparar um coração humilde e confiante ao Senhor que vem.

As Escrituras que escutámos apresentam-nos dois modos de esperar o Messias: a espera *suspeitosa* e a espera *alegre*. Pode esperar-se a salvação com estas duas atitudes: a espera suspeitosa e a espera alegre. Reflitamos sobre estas atitudes espirituais.

O primeiro modo de esperar, o suspeito, está cheio de *desconfiança* e *ansiedade*. Aquele que tem a mente ocupada com pensamentos egocêntricos perde a alegria da alma: em vez de vigiar com esperança, duvida do futuro. Totalmente envolvido em projetos mundanos, não espera a obra da Providência. Não sabe esperar com a esperança que nos dá o Espírito Santo. Surge então a palavra salutar de São Paulo, que sacode deste torpor: «Por nada vos deixeis inquietar» (*Fl 4, 6*). Quando a angústia se apodera de nós, arruína-nos sempre. Uma coisa é a dor, a dor física, a dor moral por alguma calamidade na família...; outra coisa é a angústia. O cristão não deve viver com a angústia. Não andeis angustiados, desiludidos, tristes. Como estão difundidos estes males espirituais hoje em dia, sobretudo onde se difunde o consumismo! Nestes dias, via nas ruas de Roma muita gente a ir às compras, com a ansiedade do consumismo, que depois desaparece e não deixa nada. Uma sociedade assim, que vive do consumismo, envelhece insatisfeita, porque não sabe dar: quem vive para si nunca será feliz. Quem vive assim [mão fechada] e não faz isto [mão aberta] não é feliz. Quem tem as mãos assim [mão fechada], para mim, e não tem mãos para dar, para ajudar, para partilhar, nunca será feliz. E este é um mal que todos nós podemos ter, todos os cristãos, mesmo nós, padres, bispos, cardeais, toda a gente, até o Papa.

No entanto, o Apóstolo oferece-nos um remédio eficaz quando escreve: «em tudo, pela oração e pela prece, apresentai os vossos pedidos a Deus em ações de graças» (*Fl 4, 6*). A fé em Deus dá esperança! Precisamente nestes dias, no Congresso que aqui teve lugar em Ajácio, foi sublinhada a importância de cultivar a fé, valorizando o papel da piedade popular. Pensemos na oração do Rosário: se for redescoberta e bem praticada, ensina-nos a manter o coração centrado em Jesus Cristo, com o olhar contemplativo de Maria. E pensemos nas confrarias, que nos podem educar para o serviço gratuito ao próximo, tanto espiritual como corporal. Estas associações de fiéis, tão ricas de história, participam ativamente na liturgia e na oração da Igreja,

que embelezam com os cânticos e as devoções do povo. Aos membros das confrarias, recomendo que, sempre e com disponibilidade, se aproximem, sobretudo das pessoas mais frágeis, tornando a fé operosa na caridade. Aquela confraria que tem uma devoção especial torne-se próxima de todos, esteja ao lado do próximo para o ajudar.

E daqui chegamos à segunda atitude: *a espera alegre*. A primeira atitude era a *espera suspeitosa*, que é “para mim”, com as mãos que se fecham. A segunda atitude é a *espera alegre*. E não é fácil ter alegria. A alegria cristã não é de modo algum irrefletida, superficial, uma alegria de carnaval. Nada disso. Pelo contrário, é uma alegria do coração, assente num fundamento sólido, que o profeta Sofonias, dirigindo-se ao povo, exprime assim: *alegra-te, porque «o Senhor, teu Deus, está no meio de ti como poderoso salvador» (Sf 3, 17)*. Confiar no Senhor que está no meio de nós, que está conosco. Muitas vezes não nos lembramos disto: ele está no meio de nós quando fazemos uma boa ação, quando educamos os filhos, quando cuidamos dos idosos. Mas não está no meio de nós quando nos dedicamos a bisbilhotar, falando sempre mal dos outros. Aí não está o Senhor, estamos somente nós. A vinda do Senhor traz-nos a salvação: é, por isso, motivo de alegria. Deus é “poderoso”, diz a Escritura: pode redimir a nossa vida porque é capaz de realizar o que diz! Portanto, a nossa alegria não é uma consolação ilusória para esquecer as tristezas da vida. Não, não é uma consolação ilusória. A nossa alegria é fruto do Espírito Santo por meio da fé em Cristo Salvador, que bate ao nosso coração, libertando-o da tristeza e do tédio. Por conseguinte, o advento do Senhor torna-se uma celebração cheia de futuro para todos os povos: na companhia de Jesus, descobrimos a verdadeira alegria de viver e de dar os sinais de esperança que o mundo espera.

E o primeiro destes sinais de esperança é a *paz*. Aquele que vem é o Emanuel, o Deus conosco, que dá a paz aos homens por Ele amados (cf. *Lc 2, 14*). Neste tempo de Advento, enquanto nos preparamos para O acolher, que as nossas comunidades cresçam na capacidade de acompanhar todos, especialmente os jovens, no caminho rumo ao Batismo e aos Sacramentos; e também de uma forma especial os velhinhos, os idosos. Os idosos são a sabedoria de um povo. Não o esqueçamos! E cada um de nós pode pensar: como é que eu me comporto perante os idosos? Vou à procura deles? Perco tempo com eles? Ouço-os? “Oh não, eles são aborrecidos, com as suas histórias!”. Abandono-os? Quantos filhos abandonam os pais nos lares de terceira idade. Lembro-me que uma vez, na minha outra diocese, fui a um lar de idosos para visitar as pessoas. E estava lá uma senhora que tinha três ou quatro filhos. Perguntei-lhe: “E como estão os seus filhos?” – “Estão ótimos! Tenho muitos netos” – ‘E eles vêm visitá-la?’ – “Sim, vêm sempre”. Quando saí, a enfermeira disse-me: “Vêm uma vez por ano”. Todavia, a mãe encobria os defeitos dos filhos. Muitos deixam os velhinhos sós. Mandam votos de Natal ou de Páscoa pelo telefone! Cuidem dos idosos, que são a sabedoria de um povo!

E pensemos nos jovens que se preparam para o Batismo e os Sacramentos. Graças a Deus, na Córsega, são muitos! Parabéns! Nunca vi tantas crianças como aqui! É uma graça de Deus! E só vi dois cachorrinhos. Queridos irmãos, tende filhos, que serão a vossa alegria, a vossa

consolação no futuro. Esta é a verdade: nunca vi tantas crianças. Só em Timor-Leste é que havia assim tantas, mas nas outras cidades não foi assim. Esta é a vossa alegria e a vossa glória.

Irmãos e irmãs, infelizmente sabemos bem que não faltam grandes motivos de tristeza entre as nações: miséria, guerras, corrupção, violência. Vou dizer-vos uma coisa: por vezes aparecem nas audiências crianças ucranianas, que foram trazidas por causa da guerra. E sabem que mais? Essas crianças não sorriem! Esqueceram o sorriso. Por favor, pensemos nas crianças dos países em guerra, na dor de tantas crianças.

A Palavra de Deus, porém, encoraja-nos sempre. E perante as devastações que oprimem os povos, a Igreja proclama uma esperança certa, que não desilude, porque o Senhor vem habitar no meio de nós. Assim, o nosso compromisso em favor da paz e da justiça encontra na sua vinda uma força inesgotável.

Irmãs e Irmãos, em cada tempo e em qualquer tribulação. Cristo está presente, Cristo é a fonte da nossa alegria. Ele está connosco na tribulação para nos levar em frente e nos dar alegria. Conservemos sempre esta alegria no coração, esta certeza de que Cristo está connosco e caminha ao nosso lado. Não o esqueçamos! E assim, com esta alegria, com esta segurança de que Jesus está connosco, seremos felizes e faremos os outros felizes. Deve ser este o nosso testemunho.

AGRADECIMENTO CONCLUSIVO DO SANTO PADRE NO FINAL DA SANTA MISSA

Agradeço ao Cardeal Bustillo as suas palavras e todo este dia durante o qual me senti em casa! Obrigado a todos aqueles que, de diferentes formas, prepararam esta visita, à comunidade eclesial e civil. Segui em frente na harmonia e na distinção, que não é separação, colaborando sempre pelo bem comum. Gostaria de saudar também um purpurado corso, que hoje se encontra entre nós, o Cardeal Mamberti.

Saúdo e abençoo os doentes, os idosos que vivem sozinhos, os presos. Que a “Madunnuccia” dê conforto e esperança a todos os que sofrem. Estai próximos dos idosos, dos doentes, das pessoas sós. Próximos com o coração, próximos com gestos, próximos com a ajuda.

Irmãos e irmãs, que o Evangelho de Jesus Cristo vos ajude a ter um coração aberto ao mundo: as vossas tradições são uma riqueza a guardar e a cultivar, mas não para vos isolardes, nunca. Em frente com as vossas tradições, em frente, sempre para o encontro e a partilha.

Obrigado a todos! Boa caminhada rumo ao Santo Natal. Obrigado!

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice Vaticana